Exercícios de Português
Interpretação de Textos – Lista 2

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES.
(Fuvest) "Vivemos mais uma grave crise, repetitiva dentro do ciclo de graves crises que ocupa a energia desta nação. A frustração cresce e a desesperança não cede. Empresários empurrados à condição de liderança oficial se reúnem em eventos como este, para lamentar o estado de coisas. O que dizer sem resvalar para o pessimismo, a crítica pungente ou a auto-absolvição?

É da história do mundo que as elites nunca introduziram mudanças que favorecessem a sociedade como um todo. Estaríamos nos enganando se achássemos que estas lideranças empresariais aqui reunidas teriam a motivação para fazer a distribuição de poderes e rendas que uma nação equilibrada precisa ter. Aliás, é ingenuidade imaginar que a vontade de distribuir renda passe pelo empobrecimento da elite. É também ocioso pensar que nós, da tal elite, temos riqueza suficiente para distribuir. Faço sempre, para meu desânimo, a soma do faturamento das nossas mil maiores e melhores empresas, e chego a um número menor do que o faturamento de apenas duas empresas japonesas. Digamos, a Mitsubishi e mais um pouquinho. Sejamos francos. Em termos mundiais somos irrelevantes como potência econômica, mas ao mesmo tempo extremamente representativos como população. "
("Discurso de Semler aos Empresários", Folha de S. Paulo, 11/09/91)

1. Segundo se depreende do texto, é possível afirmar que:
a) toda mudança social provém do esforço conjunto das elites do país;
b) nenhum povo é capaz de alterar suas estruturas sem o apoio das elites;
c) as elites empresariais, produzindo riquezas, aceleram as mudanças sociais;
d) em qualquer tempo, as elites sempre se dispõem a participar do processo de distribuição de renda;
e) não é próprio das elites lançar projetos que estimulem mudanças na sociedade como um todo.

2. Segundo o espírito do texto, pode-se dizer também que, no Brasil, só não há melhor distribuição de renda:
a) por falta de uma política econômica melhor dirigida;
b) porque não é do interesse das elites, nem têm elas possibilidades de favorecer essa distribuição;
c) porque as elites estão sempre com um pé atrás, desconfiadas do poder público;
d) porque os recursos acumulados, embora suficientes, são manipulados pelas elites;
e) porque, se assim fosse feito, as elites reagiriam ao processo de seu empobrecimento.

3. O texto permite afirmar que:
a) potência mundial de peso, o Brasil está entre as maiores economias do primeiro mundo;
b) economicamente, o Brasil não tem relevo como potência de primeira ordem;
c) as dificuldades do Brasil são conjunturais e se devem especialmente às pressões internacionais;
d) as indústrias de ponta no Brasil estão entre as que têm mais alto faturamento universal;
e) só o idealismo do empresariado brasileiro pode reerguer nosso potencial econômico.

4. O ciclo de crises vivido pelo Brasil, segundo o texto, constitui:
a) um componente instigante para vencer nossas dificuldades;
b) fator conhecido e repetitivo, desimportante de nossa história;
c) algo que não passa de invenção de pessimistas desocupados;
d) recurso eficaz para chamar a atenção para a nossa realidade;
e) outra forma de desgaste e de consumo de nossas energias.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.
(ITA) As questões a seguir referem-se ao texto adiante. Analise-as e assinale, para cada uma, a alternativa incorreta.

Hino Nacional

Carlos Drummond de Andrade

Precisamos descobrir o Brasil!
Escondido atrás das florestas,
com a água dos rios no meio,
o Brasil está dormindo, coitado.
05 Precisamos colonizar o Brasil.

Precisamos educar o Brasil.
Compraremos professôres e livros,
assimilaremos finas culturas,
abriremos 'dancings' e
[subconvencionaremos as elites.
10 O que faremos importando francesas
muito louras, de pele macia
alemãs gordas, russas nostálgicas para
'garçonettes' dos restaurantes noturnos.
E virão sírias fidelíssimas.
15 Não convém desprezar as japonêsas...

Cada brasileiro terá sua casa
com fogão e aquecedor elétricos, piscina,
salão para conferências científicas.

E cuidaremos do Estado Técnico.

20 Precisamos louvar o Brasil.
Não é só um país sem igual.
Nossas revoluções são bem maiores
do que quaisquer outras; nossos erros
[também.
E nossas virtudes? A terra das sublimes
[paixões...
25 os Amazonas inenarráveis... os incríveis
[João-Pessoas...

Precisamos adorar o Brasil!
Se bem que seja difícil caber tanto oceano
[e tanta solidão
no pobre coração já cheio de
[compromissos...
se bem que seja difícil compreender o que
[querem êsses homens,
30 por que motivo êles se ajuntaram e qual a
[razão de seus sofrimentos.

Precisamos, precisamos esquecer o Brasil!
Tão majestoso, tão sem limites, tão
[despropositado,
êle quer repousar de nossos terríveis
[carinhos.
O Brasil não nos quer! Está farto de nós!
35 Nosso Brasil é o outro mundo. Êste não é o
[Brasil.
Nenhum Brasil existe. E acaso existirão os
[brasileiros?

5. a) Geograficamente se denomina uma região com a água dos rios no meio (v.3) de 'mesopotâmica'.
b) 'E nossas virtudes?' (v.24) não tem sentido de indagação apenas.
c) Quando o Autor afirma 'Precisamos adorar' (v.26), ele não quer dizer que não o fazemos, só que o fazemos erradamente; isto se comprova com a afirmação 'terríveis carinhos'.
d) A proposta de educação para o Brasil (segunda estrofe) traz desnacionalização.
e) A Nação rejeita seus componentes (última estrofe).

6. a) Não são propriamente as japonesas (v.15) que são reticentes e sim o julgamento que sobre elas se faz.
b) O poema não parece confirmar a lenda das amazonas (v.25).
c) A carência brasileira não é só de bem-estar físico.
d) Nesse Hino os versos são brancos.
e) Através de 'Precisamos' (no início de quase todas as estrofes) são introduzidos verbos que, no decorrer do poema, vão num crescendo cujo clímax está na estrofe final.

7. a) Esse hino não tem o tom épico do Hino Nacional brasileiro.
b) Nesse hino predomina a função conativa (ou imperativa), ele é normativo.
c) O hino de Drummond é tão ufanista quanto o Hino Nacional brasileiro.
d) Diferentemente do Hino Nacional brasileiro, este não tem estribilho.
e) O ritmo também marca distância entre o Hino Nacional do Brasil e o de Drummond.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Pucsp) (...) Da garrafa estilhaçada,
no ladrilho já sereno
escorre uma coisa espessa
que é leite, sangue... não sei.
Por entre objetos confusos,
mal redimidos da noite,
duas cores se procuram,
suavemente se tocam,
amorosamente se enlaçam,
formando um terceiro tom
a que chamamos aurora.
Carlos Drummond de Andrade

8. No fragmento anterior, Carlos Drummond de Andrade constrói, poeticamente, a aurora. O que permite visualizar este momento do dia corresponde:
a) a objetos confusos mal redimido da noite.
b) à garrafa estilhaçada e ao ladrilho sereno.
c) à aproximação suave de dois corpos.
d) ao enlace amoroso de duas cores.
e) ao fluir espesso do sangue sobre o ladrilho.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Além de parecer não ter rotação, a Terra parece também estar imóvel no meio dos céus. Ptolomeu dá argumentos astronômicos para tentar mostrar isso. Para entender esses argumentos, é necessário lembrar que, na antigüidade, imaginava-se que todas as estrelas (mas não os planetas) estavam distribuídas sobre uma superfície esférica, cujo raio não parecia ser muito superior à distância da Terra aos planetas. Suponhamos agora que a Terra esteja no centro da esfera das estrelas. Neste caso, o céu visível à noite deve abranger, de cada vez, exatamente a metade da esfera das estrelas. E assim parece realmente ocorrer: em qualquer noite, de horizonte a horizonte, é possível contemplar, a cada instante, a metade do zodíaco. Se, no entanto, a Terra estivesse longe do centro da esfera estrelar, então o campo de visão à noite não seria, em geral, a metade da esfera: algumas vezes poderíamos ver mais da metade, outras vêzes poderíamos ver menos da metade do zodíaco, de horizonte a horizonte. Portanto, a evidência astronômica parece indicar que a Terra está no

centro da esfera de estrelas. E se ela está sempre nesse centro, ela não se move em relação às estrelas.

(Roberto de A. Martins, Introdução geral ao Commentariolus de Nicolau Copernico)

9. O terceiro período ("Para entender esses... da Terra aos planetas.") representa, no texto,
a) o principal argumento de Ptolomeu.
b) o pressuposto da teoria de Ptolomeu.
c) a base para as teorias posteriores à de Ptolomeu.
d) a hipótese suficiente para Ptolomeu retomar as teorias anteriores.
e) o fundamento para o desmentido da teoria de Ptolomeu.

10. Expressões que, no texto, denunciam subjetividade na apresentação dos fatos são:
a) parece também estar imóvel - dá argumentos - é necessário lembrar.
b) é necessário lembrar - imaginava-se - suponhamos.
c) imaginava-se - esteja - deve abranger.
d) tentar mostrar - suponhamos - parece realmente ocorrer.
e) parece realmente ocorrer - é possível contemplar - não se move.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) - Haveis de entender, começou ele, que a virtude e o saber têm duas existências paralelas, uma no sujeito que as possui, outra no espírito dos que o ouvem ou contemplam. Se puserdes as mais sublimes virtudes e os mais profundos conhecimentos em um sujeito solitário, remoto de todo contato com outros homens, é como se eles não existissem. Os frutos de uma laranjeira, se ninguém os gostar, valem tanto como as urzes e plantas bravias, e, se ninguém os vir, não valem nada; ou, por outras palavras mais enérgicas, não há espetáculo sem espectador. Um dia, estando a cuidar nestas coisas, considerei que, para o fim de alumiar um pouco o entendimento, tinha consumido os meus longos anos, e, aliás, nada chegaria a valer sem a existência de outros homens que me vissem e honrassem; então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos, e esse dia posso agora dizer que foi o da regeneração dos homens, pois me deu a doutrina salvadora.

(Machado de Assis, O segredo do bonzo)

11. De acordo com o texto,
a) os homens que sabem ouvir e contemplar tornam-se sábios e virtuosos.
b) a virtude e o saber adquirem existência quando compartilhados pelos homens.
c) a virtude e o saber existem no espírito do homem que consegue perceber a dualidade da existência.
d) a virtude e o saber, por terem realidades paralelas, devem ser conquistados individualmente.
e) o homem sábio e virtuoso, para iluminar-se, deve buscar uma vida isolada e contemplativa.

12. No texto, ao afirmar "então cogitei se não haveria um modo de obter o mesmo efeito, poupando tais trabalhos", a personagem:
a) expressa a intenção de divulgar seus conhecimentos, aproximando-se dos outros homens.
b) procura convencer o leitor a poupar esforços na busca do conhecimento.
c) demonstra que a virtude e o saber exigem muito trabalho dos homens.
d) resume no conceito da doutrina salvadora, desenvolvida no parágrafo.
e) exprime a idéia de que a admiração dos outros é mais importante do que o conhecimento em si.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Os principais problemas da agricultura brasileira referem-se muito mais à diversidade dos impactos causados pelo caráter truncado da modernização, do que à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes. Se hoje existem milhões de estabelecimentos agrícolas marginalizados, isso se deve muito mais à natureza do próprio processo de modernização, do que à sua suposta falta de abrangência.

(Folha de S. Paulo, 13/09/94, 2-2)

13. Segundo o texto,
a) o processo de modernização deve tornar-se mais abrangente para implementar a agricultura.
b) os problemas da agricultura resultam do impacto causado pela modernização progressiva do setor.
c) os problemas da agricultura resultam da inadequação do processo de modernização do setor.
d) segmentos do setor agrícola recusam-se a adotar processos de modernização.
e) os problemas da agricultura decorrem da não-modernização de estabelecimentos agrícolas marginalizados.

14. No trecho "à persistência de segmentos que dela teriam ficado imunes.", a expressão teriam ficado exprime:
a) o desejo de que esse fato não tenha ocorrido.
b) a certeza de que a imunidade à modernização é própria de estabelecimentos agrícolas marginalizados.
c) a hipótese de que esse fato tenha ocorrido.
d) a certeza de que esse fato realmente não ocorreu.
e) a possibilidade de a imunidade à modernização ser decorrente da persistência de certos segmentos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) - Ah, não sabe? Não o sabes? Sabes-lo não?
- Esquece.
- Não. Como "esquece"? Você prefere falar errado? E o certo é "esquece" ou "esqueça"? Ilumine-me. Mo diga. Ensines-lo-me, vamos.
- Depende.
- Depende. Perfeito. Não o sabes.
Ensinar-me-lo-ias se o soubesses, mas não sabes-o.
- Está bem. Está bem. Desculpe. Fale como quiser.
(L.F. Veríssimo, Jornal do Brasil, 30/12/94)

15. O texto tem por finalidade
a) satirizar a preocupação com o uso e a colocação das formas pronominais átonas.
b) ilustrar ludicamente várias possibilidades de combinação de formas pronominais.
c) esclarecer pelo exemplo certos fatos da concordância de pessoa gramatical.
d) exemplificar a diversidade de tratamentos que é comum na fala corrente.
e) valorizar a criatividade na aplicação das regras de uso das formas pronominais.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(PUC-SP) Iria morrer, quem sabe naquela noite mesmo? E que tinha ele feito de sua vida? Nada. Levara toda ela atrás da miragem de estudar a pátria, por amá-la e querê-la muito, no intuito de contribuir para a sua felicidade e prosperidade. Gastara a sua mocidade nisso, a sua virilidade também; e, agora que estava na velhice, como ela o recompensava, como ela o premiava, como ela o condecorava? Matando-o. E o que não deixara de ver, de gozar, de fruir, na sua vida? Tudo. Não brincara, não pandegara, não amara - todo esse lado da existência que parece fugir um pouco à sua tristeza necessária, ele não vira, ele não provara, ele não experimentara.
Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois se fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das suas causas de tupi, do folklore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

Lima Barreto

16. O trecho acima pertence ao romance O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, de Lima Barreto. Da personagem que dá título ao romance, podemos afirmar que:
a) foi um nacionalista extremado, mas nunca estudou com afinco as coisas brasileiras.
b) perpetrou seu suicídio, porque se sentia decepcionado com a realidade brasileira.
c) defendeu os valores nacionais, brigou por eles a vida toda e foi condenado à morte justamente pelos valores que defendia.
d) foi considerado traidor da pátria, porque participou da conspiração contra Floriano Peixoto.
e) era um louco e, por isso, não foi levado a sério pelas pessoas que o cercavam.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) GOLS DE COCURUTO

O melhor momento do futebol para um tático é o minuto de silêncio. É quando os times ficam perfilados, cada jogador com as mãos nas costas e mais ou menos no lugar que lhes foi designado no esquema - e parados. Então o tático pode olhar o campo como se fosse um quadro negro e pensar no futebol como alguma coisa lógica e diagramável. Mas aí começa o jogo e tudo desanda. Os jogadores se movimentam e o futebol passa a ser regido pelo imponderável, esse inimigo mortal de qualquer estrategista. O futebol brasileiro já teve grandes estrategistas cruelmente traídos pela dinâmica do jogo. O Tim, por exemplo. Tático exemplar, planejava todo o jogo numa mesa de botão. Da entrada em campo até a troca de camisetas, incluindo o minuto de silêncio. Foi um técnico de sucesso mas nunca conseguiu uma reputação no campo à altura de sua reputação no vestiário. Falava um jogo e o time jogava outro. O problema do Tim, diziam todos, era que seus botões eram mais inteligentes do que seus jogadores.
(L. F. Veríssimo, O Estado de São Paulo, 23/08/93)

17. A tese que o autor defende é a de que, em futebol,
a) o planejamento tático está sujeito à interferência do acaso.
b) a lógica rege as jogadas.
c) a inteligência dos jogadores é que decide o jogo.
d) os momentos iniciais decidem como será o jogo.
e) a dinâmica do jogo depende do planejamento que o técnico faz.

18. No texto, a comparação do campo com um quadro negro aponta
a) o pessimismo do tático em relação ao futuro do jogo.
b) um recurso utilizado no vestiário.
c) a visão de jogo como movimento contínuo.
d) o recurso didático preferido pelo técnico Tim.
e) um meio de pensar o jogo como algo previsível.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES.
(Fuvest) Conheci que Madalena era boa em demasia, mas não conheci tudo de uma vez. Ela se revelou pouco a pouco, e nunca se revelou inteiramente. A culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu uma alma agreste.

E, falando assim, compreendo que perco o tempo. Com efeito, se me escapa o retrato moral de minha mulher, para que serve esta narrativa? Para nada, mas sou forçado a escrever.

Quando os grilos cantam, sento-me aqui à mesa da sala de jantar, bebo café, acendo o cachimbo. Às vezes as idéias não vêm, ou vêm muito numerosas - e a folha permanece meio escrita, como estava na véspera. Releio algumas linhas, que me desagradam. Não vale a pena tentar corrigi-las. Afasto o papel.

Emoções indefiníveis me agitam - inquietação terrível, desejo doido de voltar, tagarelar novamente com Madalena, como fazíamos todos os dias, e esta hora. Saudade? Não, não é isto: é desespero, raiva, um peso enorme no coração.

Procuro recordar o que dizíamos. Impossível. As minhas palavras eram apenas palavras, reprodução imperfeita de fatos exteriores, e as dela tinham alguma coisa que não consigo exprimir. Para senti-las melhor, eu apagava as luzes, deixava que a sombra nos envolvesse até ficarmos dois vultos indistintos na escuridão.

Lá fora os sapos arengavam, o vento gemia, as árvores do pomar tornavam-se massas negras.

- Casimiro!

Casimiro Lopes estava no jardim, acocorado ao pé da janela, vigiando.

- Casimiro!

A figura de Casimiro Lopes aparece à janela, os sapos gritam, o vento sacode as árvores, apenas visíveis na treva. Maria das Dores entra e vai abrir o comutador. Detenho-a: não quero luz.

O tique-taque do relógio diminui, os grilos começam a cantar. E Madalena surge no lado de lá da mesa. Digo baixinho:

- Madalena!

A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos.

Estou encostado na mesa, as mãos cruzadas. Os objetos fundiram-se, e não enxergo sequer a toalha branca.

- Madalena...

A voz de Madalena continua a acariciar-me. Que diz ela? Pede-me naturalmente que mande algum dinheiro a mestre Caetano. Isto me irrita, mas a irritação é diferente das outras, é uma irritação antiga, que me deixa inteiramente calmo. Loucura estar uma pessoa ao mesmo tempo zangada e tranqüila. Mas estou assim. Irritado contra quem? Contra mestre Caetano. Não obstante ele ter morrido, acho bom que vá trabalhar. Mandrião!

A toalha reaparece, mas não sei se é esta toalha que tenho sobre as mãos cruzadas ou a que estava aqui há cinco anos.

Rumor do vento, dos sapos, dos grilos. A porta do escritório abre-se de manso, os passos de seu Ribeiro afastam-se. Uma coruja pia na torre da igreja. Terá realmente piado a coruja? Será a mesma que piava há dois anos? Talvez seja até o mesmo pio daquele tempo.

Agora seu Ribeiro esta conversando com D. Glória no salão. Esqueço que eles me deixaram e que esta casa está quase deserta.

- Casimiro!

Penso que chamei Casimiro Lopes. A cabeça dele, com o chapéu de couro de sertanejo, assoma de quando em quando à janela, mas ignoro se a visão que me dá é atual ou remota.

Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enterneço-me; bato na mesa e tenho vontade de chorar.

Aparentemente estou sossegado: as mãos continuam cruzadas sobre a toalha e os dedos parecem de pedra. Entretanto ameaço Madalena com o punho. Esquisito.

Distingo no ramerrão da fazenda as mais insignificantes minudências. Maria das Dores, na cozinha, dá lição ao papagaio. Tubarão rosna acolá no jardim. O gado muge no estábulo.

O salão fica longe: para irmos lá temos de atravessar um corredor comprido. Apesar disso a palestra de seu Ribeiro e D. Glória é bastante clara. A dificuldade seria reproduzir o que eles dizem. É preciso admitir que estão conversando sem palavras.

Padilha assobia no alpendre. Onde andará Padilha?

Se eu convencesse Madalena de que ela não tem razão... Se lhe explicasse que é necessário vivermos em paz... Não me entende. Não nos entendemos. O que vai acontecer será muito diferente do que esperamos. Absurdo.

Há um grande silêncio. Estamos em julho. O nordeste não sopra e os sapos dormem. Quanto às corujas, Marciano subiu ao forro da igreja e acabou com elas a pau. E foram tapados os buracos de grilos.

Repito que tudo isso continua a azucrinar-me.

O que não percebo é o tique-taque do relógio. Que horas são? Não posso ver o mostrador assim às escuras. Quando me sentei aqui, ouviam-se as pancadas do pêndulo, ouviam-se muito bem. Seria conveniente dar corda ao relógio, mas não consigo mexer-me.

(Ramos, Graciliano, SÃO BERNARDO, Rio de Janeiro, Record, 1989)

19. Escolha a alternativa que explica melhor o que se está passando com a personagem-narrador, Paulo Honório.
a) Abandonado há pouco pela amada, encontra-se numa fase transitória de solidão.
b) Preocupado em compreender o que se passou, busca recompor a imagem difusa da amada.
c) Trata-se simplesmente de um sadomasoquista a escarafunchar sentimentos idos e vividos.
d) Percebe-se a existência de um homem de extrema sensibilidade, esmagado por um golpe da fatalidade.
e) Entre ele e a amada havia tal quantidade de problemas que a convivência se tornou impossível.

20. A leitura do texto mostra uma interpenetração de pessoas, fatos objetos e atos que se misturam, enquanto revelam uma escrita dificultosa na apreensão de uma realidade difusa. Dentre as respostas a seguir, qual seria a mais adequada para dar conta dessa aparência de caos?
a) Visando ao refinamento da escrita, o romancista embaralha intencionalmente os acontecimentos.
b) Trata-se de técnica modernista, empregada para traduzir confusão e embaralhamento.
c) A dificuldade decorre da natureza do assunto e do estado psicológico do narrador.
d) A interpretração é provocada pela complexidade do assunto e distanciamento dos fatos.
e) Homem rude e agreste, afeito ao trabalho bruto, o narrador não é capaz de ordenar acontecimentos.

21. Escolha a alternativa que retrata melhor, à luz do texto e do próprio romance, o sentido da expressão "sou forçado", presente no 2Ž parágrafo.
a) É uma obrigação moral de reparar erro cometido no passado.
b) Há uma imposição externa que obriga o narrador a revelar seu drama.
c) Existe uma vontade de autopunir-se para livrar se do remorso pelo mal cometido.
d) O narrador tem necessidade de escrever para provar sua capacidade.
e) Trata-se de um impulso interior, que leva o narrador a escrever para autoconhecer-se.

22. "Agitam-se em mim sentimentos inconciliáveis: encolerizo-me e enterneço-me: bato na mesa e tenho vontade de chorar."

Momento central do texto em questão, ajuda a compreender a personalidade e Paulo Honório, personagem-narrador do romance. Podemos dizer que se trata de:
a) personagem fraca, abatida pelas circunstâncias.
b) personalidade rica de humanidade, que se perturba diante da adversidade.
c) personalidade complexa, perturbada diante dos acontecimentos.
d) homem forte, revoltado contra tudo e contra todos.
e) homem sentimental e lírico, incapaz de conciliar os próprios sentimentos.

23. "A voz dela me chega aos ouvidos. Não, não é aos ouvidos. Também já não a vejo com os olhos."

A leitura atenta do texto permite dizer que:
a) em virtude de sua perturbação psicológica, o narrador não consegue recordar com nitidez os acontecimentos.
b) é puro jogo de palavras sem outra intenção que a de confundir aos acontecimentos.
c) a confusão provocada pelo estado de choque do narrador possibilita a recuperação da consciência.
d) fragilizada, a personagem não consegue operar a distinção entre real e imaginário.
e) tudo é possível no estado de convulsão em que se encontra o mundo do narrador.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) "O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, contanto que o faça logo." Ao trazer a discussão para o campo jurídico, o antigo magistrado tentou amenizar o que dissera; a rigor, no entanto, suscitou dúvidas cruéis; que quer dizer "por sua própria força?" Será a força física do posseiro, ou essa mais aquela que a ela se soma pelo emprego das armas? O parágrafo único do Código Civil admite dúvidas: "Os atos de defesa, ou de desforço, não podem ir além do indispensável à manutenção ou restituição da posse". Se o invasor vem armado, o posseiro pode usar armas? Se o invasor é plural, vem em bandos, o posseiro pode contar com a ajuda de amigos ou contratar seguranças (ou até jagunços) para defender o que é seu?
(O Estado de S. Paulo, 04/06/94, A 3)

24. A formulação de uma série de perguntas
a) intenta destacar as contradições do texto legal.
b) visa a pôr o leitor em dúvida sobre a exatidão da citação.
c) pretende representar as inquietações infundadas do editorialista.
d) procura chamar a atenção para a injustiça do texto legal.
e) busca desacreditar o argumento representado pela citação da lei.

25. A frase "O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, contanto que o faça logo". poderá ser corretamente substituída, SEM que haja alteração das relações lógicas, por:
a) Assim que o fez, o possuidor turbado, ou esbulhado, pode manter-se, ou restituir-se, por sua própria força.
b) Podendo manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, o possuidor turbado, ou esbulhado, fá-lo-á logo.
c) Fazendo-o logo, o possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força.
d) O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, mesmo que o faça logo.
e) O possuidor turbado, ou esbulhado, poderá, manter-se, ou restituir-se, por sua própria força, antes que o façam.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES.
(Fuvest) - Primo Argemiro!

E, com imenso trabalho, ele gira no assento, conseguindo pôr-se de-banda, meio assim.

Primo Argemiro pode mais: transporta uma perna e se escancha no cocho.

- Que é, Primo Ribeiro?

- Lhe pedir uma coisa... Você faz?

- Vai dizendo, Primo.

- Pois então, olha: quando for a minha hora você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mais é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado, mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes... E aquelas coisinhas que estão numa capanga bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com cadarço, no fundo da canastra... se rato não roeu... você enterra junto comigo... Agora eu não quero mexer lá... Depois tem tempo... Você promete?...

- Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.

- Eu só quero saber é se você promete...

- Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há-de querer, eu prometo.

- Deus lhe ajude, Primo Argemiro.

E Primo Ribeiro desvira o corpo e curva ainda mais a cara.

Quem sabe se ele não vai morrer mesmo? Primo Argemiro tem medo do silêncio.

- Primo Ribeiro, o senhor gosta d'aqui?...

- Que pergunta! Tanto faz... É bom p'ra se acabar mais ligeiro... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra?

- Lembro! Doutor apessoado, engraçado... Vivia atrás dos mosquitos, conhecia as raças lá deles, de olhos fechados, só pela toada da cantiga... Disse que não era das frutas e nem da água... Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente... Ninguém não acreditou... Nem o arraial. Eu estive 1á com ele...

- Primo Argemiro o que adianta...

- ... E então ele ficou bravo, pois não foi? Comeu goiaba, comeu melancia da beira do rio, bebeu água do Pará e não teve nada...

- Primo Argemiro...

- ... Depois dormiu sem cortinado, com janela aberta... Apanhou a intermitente; mas o povo ficou acreditando...

- Escuta! Primo Argemiro... Você está falando de-carreira, só para não me deixar falar!

- Mas, então, não fala em morte Primo Ribeiro!... Eu, por nada que não queria ver o senhor se ir primeiro do que eu...

- P'ra ver!... Esta carcaça bem que está agüentando... Mas, agora, já estou vendo o meu descanso, que está chega-não-chega, na horinha de chegar...

- Não fala isso Primo!... Olha aqui: não foi pena ele ter ido s'embora? Eu tinha fé em que acabava com a doença...

- Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... Aí é que eu quero ver! Nenhumas ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre, Primo Argemiro...

- Escuta Primo Ribeiro: se alembra de quando o doutor deu a despedida p'ra o povo do povoado? Foi de manhã cedo, assim como agora... O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo queixo. Ele ajuntou a gente... Estava muito triste... Falou: - 'Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se, mudar daqui... Mas andem depressa pelo amor de Deus!' -... -Foi no tempo da eleição de seu Major Vilhena... Tiroteio com três mortes...

- Foi seis meses em-antes-de ela ir s'embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora...

João Guimarães Rosa, "Sarapalha",
do livro SAGARANA.

26. "Disse que não era das frutas e nem da água...
Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente..."
"O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo o queixo".
Estas duas passagens apresentam a causa e os sintomas da doença nomeada: "Apanhou a intermitente''.

Qual das alternativas identifica a doença?
a) febre amarela
b) maleita
c) tifo
d) esquistossomose
e) doença de Chagas

27. "Foi seis meses em-antes-de ela ir-s'embora..."
"Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido."

Estas duas passagens fazem referência explícita ao motivo central da narrativa:
a) Primo Ribeiro é casado com Luísa por quem Argemiro se apaixona, a ponto de matar o primo.
b) Primo Argemiro é casado com Luísa por quem Ribeiro se apaixona, a ponto de provocar a morte do primo.
c) Luísa é casada com Ribeiro, mas apaixona-se por um boiadeiro que Argemiro mata, em consideração ao primo.
d) Luísa é casada com Ribeiro; o Primo Argemiro é apaixonado por ela, mas ela foge com um boiadeiro.
e) Um boiadeiro, que passa duas vezes pela casa dos primos Ribeiro e Argemiro, casa-se com Luísa, que morava com eles.

28. "Canta, canta, canarinho, ai, ai, ai...
Não cantes fora de hora ai, ai, ai...
A barra do dia aí vem, ai, ai, ai...
Coitado de quem namora!..."

Esta quadrinha é a epígrafe do conto Sarapalha. Ela aponta para o clímax da estória que se dá por ocasião:
a) da eleição de seu Major Vilhena: tiroteio com três mortes.
b) da confissão de Argemiro e sua expulsão da casa de Ribeiro.
c) do casamento de Luísa com o boiadeiro e despedida dos primos.
d) da morte do boiadeiro, que Argemiro mata em respeito ao primo.
e) da declaração de Ribeiro e ruptura deste com o boiadeiro.

29. João Guimarães Rosa, em Sagarana, permite ao leitor observar que:
a) explora o folclórico do sertão.
b) em episódios muitas vezes palpitantes surpreende a realidade nos mais leves pormenores e trabalha a linguagem com esmero.
c) limita-se ao quadro do regionalismo brasileiro.
d) é muito sutil na apresentação do cotidiano banal do jagunço.
e) é intimista hermético.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) Em nossa última conversa, dizia-me o grande amigo que não esperava viver muito tempo, por ser um "cardisplicente"

- O quê?

- Cardisplicente. Aquele que desdenha do próprio coração.

Entre um copo e outro de cerveja, fui ao dicionário.

- "Cardisplicente" não existe, você inventou - triunfei.

- Mas se eu inventei, como é que não existe? - espantou-se o meu amigo.

Semanas depois deixou em saudades fundas companheiros, parentes e bem-amadas. Homens de bom coração não deveriam ser cardisplicentes.

30. "- Mas se eu inventei, como é que não existe?"

Segundo se deduz da fala espantada do amigo do narrador, a língua, para ele, era um código aberto,
a) ao qual se incorporariam palavras fixadas no uso popular.
b) a ser enriquecido pela criação de gírias.
c) pronto para incorporar estrangeirismos.
d) que se amplia graças à tradução de termos científicos.
e) a ser enriquecido com contribuições pessoais.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 5 QUESTÕES.
(Unitau) "Vivemos numa época de tamanha insegurança externa e interna, e de tamanha carência de objetivos firmes, que a simples confissão de nossas convicções pode ser importante, mesmo que essas convicções, como todo julgamento de valor, não possam ser provadas por deduções lógicas.

Surge imediatamente a pergunta: podemos considerar a busca da verdade - ou, para dizer mais modestamente, nossos esforços para compreender o universo cognoscível através do pensamento lógico construtivo - como um objeto autônomo de nosso trabalho? Ou nossa busca da verdade deve ser subordinada a algum outro objetivo, de caráter prático, por exemplo? Essa questão não pode ser resolvida em bases lógicas. A decisão, contudo, terá considerável influência sobre nosso pensamento e nosso julgamento moral, desde que se origine numa convicção profunda e inabalável Permitam-me fazer uma confissão:

para mim, o esforço no sentido de obter maior percepção e compreensão é um dos objetivos independentes sem os quais nenhum ser pensante é capaz de adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.

Na própria essência de nosso esforço para compreender o fato de, por um lado, tentar englobar a grande e complexa variedade das experiências humanas, e de, por outro lado, procurar a simplicidade e a economia nas hipóteses básicas. A crença de que esses dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé. Sem essa fé eu não poderia ter uma convicção firme e inabalável acerca do valor independente do conhecimento.

Essa atitude de certo modo religiosa de um homem engajado no trabalho científico tem influência sobre toda sua personalidade. Além do conhecimento proveniente da experiência acumulada, e além das regras do pensamento lógico, não existe, em princípio, nenhuma autoridade cujas confissões e declarações possam ser consideradas "Verdade " pelo cientista. Isso leva a uma situação paradoxal: uma pessoa que devota todo seu esforço a objetivos materiais se tornará, do ponto de vista social, alguém extremamente individualista, que, a princípio, só tem fé em seu próprio julgamento, e em nada mais. É possível afirmar que o individualismo intelectual e a sede de conhecimento científico apareceram simultaneamente na história e permaneceram inseparáveis desde então. "

(Einstein, in: "O Pensamento Vivo de Einstein", p. 13 e 14, 5a. edição, Martin Claret Editores)

31. Leia as frases a seguir:

I. A lógica tem base no pensamento e no julgamento moral.
II. As pessoas que pensam podem adotar uma atitude consciente e positiva ante a vida.
III. Os seres humanos tentam ou englobar as experiências ou buscar a simplicidade para entender a vida.
IV. O cientista não acredita que a "verdade" exista.
V. Apesar de ser um contra-senso, o cientista é ao mesmo tempo individualista intelectualmente e sedento por conhecimento.

Para o autor são falsas as afirmações:
a) I, II, III, IV
b) I, II, V
c) III e V.
d) II e IV
e) I, II, III, IV e V.

32. No último parágrafo, o autor quer transmitir essencialmente a idéia de que
a) a personalidade e o trabalho científico são coisas distintas.
b) a verdade provém da autoridade.
c) o conhecimento científico é exclusivamente individualista.
d) o conhecimento é extremamente materialista.
e) o conhecimento científico e o individualismo material são inseparáveis.

33. Em "A crença de que ESSES dois objetivos podem existir paralelamente é, devido ao estágio primitivo de nosso conhecimento científico, uma questão de fé", o autor empregou a palavra em destaque porque
a) é uma indicação da distância espacial entre o escritor e o leitor.
b) é uma indicação da proximidade temporal entre o escritor e o leitor.
c) é uma indicação da distância temporal entre o escritor e o leitor.
d) é uma referência coesiva a elementos da frase posterior.
e) é uma referência coesiva a elementos da frase anterior.

34. Na primeira frase do segundo parágrafo, há dois travessões que indicam
a) mudança de interlocutor.
b) explicação complementar de dados.
c) diálogo.
d) explicação da opinião de outra pessoa que não a do autor.
e) explicação absolutamente desnecessária.

35. No primeiro parágrafo, o autor repete as palavras "tamanha" e "convicções" para dar ao leitor a idéia de
a) dúvida.
b) ênfase.
c) condição.
d) proporção.
e) efeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) Ora, aí está justamente e epígrafe do livro, se eu lhe quisesse pôr alguma, e não me ocorresse outra. Não é somente um meio de completar as pessoas da narração com as idéias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro.

Por outro lado, há proveito em irem as pessoas da minha história colaborando nela, ajudando o autor, por uma lei de solidariedade, espécie de troca de serviços, entre o enxadrista e os seus trebelhos(*).

Se aceitas a comparação, distinguirás o rei e a dama, o bispo e o cavalo, sem que o cavalo possa fazer de torre,

nem a torre de peão. Há ainda a diferença da cor, branca e preta, mas esta não tira o poder da marcha de cada peça, e afinal umas e outras podem ganhar a partida, e assim vai o mundo.

(Machado de Assis, Esaú e Jacó)

(*) Trebelhos: peças do jogo de xadrez.

36. A intervenção direta do narrador no texto cumpre a função de
a) distanciar o leitor da articulação da história, evitando identificação emocional com as personagens.
b) despertar a atenção do leitor para a estrutura da obra, convidando-o a participar da organização da narrativa.
c) levar o leitor a refletir sobre as narrativas tradicionais, cuja seqüência lógico-temporal é complexa.
d) sintetizar a seqüência dos episódios, para explicar a trama da narração.
e) confundir o leitor, provocando incompreensão da seqüência narrativa.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.
(Fuvest-gv) "Busque Amor novas artes, novo engenho
para matar-me, e novas esquivanças;
que não pode tirar-me as esperanças
que mal me tirará o que eu não tenho.

Olhai de que esperanças me mantenho!
vede que perigosas seguranças:
que não temo contrastes nem mudanças
andando em bravo mar perdido o lenho.

Mas, conquanto não pode haver desgosto
onde esperança falta, lá me esconde
Amor um mal, que mata e não se vê;

que dias há que na alma me tem posto
um não sei quê, que nasce não sei onde
vem não sei como e dói não sei porquê."

37. Neste poema é possível reconhecer que uma dialética amorosa trabalha a oposição entre:
a) o bem e o mal;
b) a proximidade e a distância;
c) o desejo e a idealização;
d) a razão e o sentimento;
e) o mistério e a realidade.

38. Uma imagem de forte expressividade deixa implícita uma comparação com o arriscado jogo do amor. Assinalar a alternativa que contém essa imagem:
a) o engenho do amor;
b) o perigo da segurança;
c) naufrágio em bravo mar;
d) mar tempestuoso;
e) um não sei quê.

39. Assinalar a alternativa que melhor expressa o entendimento do poema:
a) Novas artes e novo engenho do amor fazem o poeta perder as esperanças.
b) O poeta está, em relação ao amor, como um náufrago que morreu em alto mar.
c) Novas artes e novo engenho do amor alimentam as esperanças outrora perdidas.
d) O poeta está, em relação ao amor, desesperado como um náufrago em bravo mar.
e) O amor destruiu as esperanças do poeta porque inoculou nele um mal desconhecido.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinhá Vitória mandou os meninos para o banheiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à-toa pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra Ia lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um

bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. Na porta, virando-se, enganchou as rosetas das esporas, afastou-se tropeçando, os sapatões de couro cru batendo no chão como cascos.

Foi até a esquina, parou, tomou fôlego. Não deviam tratá-lo assim. Dirigiu-se ao quadro lentamente. Diante da bodega de seu Inácio virou o rosto e fez uma curva larga. Depois que acontecera aquela miséria, temia passar ali. Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

(Graciliano Ramos, Vidas Secas)

40. O texto, no seu conjunto, revela que Fabiano:
a) ousou enfrentar o branco provando-lhe que as contas dele estavam erradas.
b) ao perceber que era lesado, defendeu com êxito seus direitos.
c) conscientizou-se de que era vítima de safadeza, e conseguiu justiça.
d) concluiu que era explorado na venda do gado e nas contas.
e) indignou-se com sua situação mas voltou às boas com o patrão.

41. A respeito de Sinhá Vitória, a mulher de Fabiano, é possível afirmar que:
a) tinha miolo, não errava nas operações e tentava atenuar os conflitos do marido com o patrão.
b) era mesmo ignorante; quando Fabiano percebeu seu erro, foi pedir desculpas ao patrão.
c) além de errar nas contas, irritava-se com a diferença dos juros.
d) suas contas sempre diferiam das do patrão, mas ela pedia a Fabiano que se conformasse.
e) era o único apoio do vaqueiro, mas infelizmente sua ação não tinha efeito.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) "A triste verdade é que passei as férias no calçadão do Leblon, nos intervalos do novo livro que venho penosamente perpetrando. Estou ficando cobra em calçadão, embora deva confessar que o meu momento calçadônico mais alegre é quando, já no caminho de volta, vislumbro o letreiro do hotel que marca a esquina da rua onde finalmente terminarei o programa-saúde do dia. Sou, digamos, um caminhante resignado. Depois dos 50, a gente fica igual a carro usado, todo o dia tem uma coisa dando errado, é a suspensão, é a embreagem, é o radiador, é o contraplano do rolabrequim, é o contrafarto do mesocárdio epidítico, a falta de serotorpina folimolecular, é o que mecânicos e médicos disseram. Aí, para conseguir ir segurando a barra, vou acatando os conselhos. Andar é bom para mim, digo sem muita convicção a meus entediados botões, é bom para todos."
(João Ubaldo Ribeiro, "O Estado de S. Paulo", 06/08/95)

42. No período que se inicia em "Depois dos 50...", o uso de termos (já existentes ou inventados) referentes a áreas diversas tem como resultado:
a) um tom de melancolia, pela aproximação entre um carro usado e um homem doente.
b) um efeito de ironia, pelo uso paralelo de termos da medicina e da mecânica.
c) uma certa confusão no espírito do leitor, devido à apresentação de termos novos e desconhecidos.
d) a invenção de uma metalinguagem, pelo uso de termos médicos em lugar de expressões corriqueiras.
e) a criação de uma metáfora existencial, pela oposição entre o ser humano e objetos.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.
(Fuvest) Eu considerei a glória de um pavão ostentando o esplendor de suas cores; é um luxo imperial. Mas andei lendo livros, e descobri que aquelas cores todas não existem na pena do pavão. Não há pigmentos. O que há são minúsculas bolhas d'água em que a luz se fragmenta, como em um prisma. O pavão é um arco-íris de plumas.

Eu considerei que este é o luxo do grande artista, atingir o máximo de matizes com um mínimo de elementos. De água e luz ele faz seu esplendor; seu grande mistério é a simplicidade.

Considerei, por fim, que assim é o amor, oh minha amada; de tudo que ele suscita e esplende e estremece e delira em mim existem apenas meus olhos recebendo a luz do teu olhar. Ele me cobre de glórias e me faz magnífico.

[Rubem Braga, 200 Crônicas Escolhidas]

43. Nas três 'considerações' do texto, o cronista preserva, como elemento comum, a idéia de que a sensação de esplendor
a) ocorre de maneira súbita, acidental e efêmera.
b) é uma reação mecânica dos nossos sentidos estimulados.
c) decorre da predisposição de quem está apaixonado.
d) projeta-se além dos limites físicos do que a motivou.
e) resulta da imaginação com que alguém se vê a si mesmo.

44. Atente para as seguintes afirmações:

I. O esplendor do pavão e o da obra de arte implicam algum grau de ilusão.
II. O ser que ama sente refletir-se em si mesmo um atributo do ser amado.
III. O aparente despojamento da obra de arte oculta os recursos complexos de sua elaboração.

De acordo com o que o texto permite deduzir, apenas:
a) as afirmações I e III estão corretas.
b) as afirmações I e II estão corretas.
c) as afirmações II e III estão corretas.
d) a afirmação I está correta.
e) a afirmação II está correta.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.
(Unitau) "Certas instituições encontram sua autoridade na palavra divina. Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca. Suas qualidades pessoais importam pouco. Quando prevaricam, eles são punidos no inferno, como aconteceu, na opinião de muita gente boa, com o Papa Bonifácio VIII, simoníaco reconhecido. Mas o carisma é da própria Igreja, não de seus ministros. A prova de que ela é divina, dizia um erudito, é que os homens ainda não a destruíram.

Outras associações humanas, como a universidade, retiram do saber o respeito pelos seus atos e palavras. Sem a ciência rigorosa e objetiva, ela pode atingir situações privilegiadas de mando, como ocorreu com a Sorbonne. Nesse caso, ela é mais temida do que estimada pelos cientistas, filósofos, pesquisadores. Jaques Le Goff mostra o quanto a universidade se degradou quando se tornou uma polícia do intelecto a serviço do Estado e da Igreja.

As instituições políticas não possuem nem Deus nem a ciência como fonte de autoridade. Sua justificativa é impedir que os homens se destruam mutuamente e vivam em segurança anímica e corporal. Se um Estado não garante esses itens, ele não pode aspirar à legítima obediência civil ou armada. Sem a confiança pública, desmorona a soberania justa. Só resta a força bruta ou a propaganda mentirosa para amparar uma potência política falida.

O Estado deve ser visto com respeito pelos cidadãos. Há uma espécie de aura a ser mantida, através do essencial decoro. Em todas as suas falas e atos, os poderosos precisam apresentar-se ao povo como pessoas confiáveis e sérias. No Executivo, no Parlamento e, sobretudo, no Judiciário, esta é a raiz do poder legítimo.

Com a fé pública, os dirigentes podem governar em sentido estrito, administrando as atividades sociais, econômicas, religiosas, etc. Sem ela, os governantes são reféns das oligarquias instaladas no próprio âmbito do Estado. Essas últimas, sugando para si o excedente econômico, enfraquecem o Estado, tornando-o uma instituição inane."

(Roberto Romano, excerto do texto "Salários de Senadores e legitimidade do Estado", publicado na Folha de São Paulo, 17/10/1994, 1Ž caderno, página 3)

45. O Estado torna-se sem força quando
a) as instituições políticas não possuem nem Deus, nem a ciência.
b) os governantes são subjugados pelos poderosos que estão instalados no seio do Estado.
c) o poder é simoníaco.
d) o povo confia cegamente no Executivo, no Parlamento e sobretudo no Judiciário.
e) a ciência, rigorosa e objetiva, deixa de ser o eixo protetor da Universidade, da sociedade civil e da sociedade como um todo.

46. Observe as seguintes frases:

I - Com a fé pública os dirigentes podem dirigir em sentido estrito.
II - Em todas as suas falas e atos, os poderosos precisam apresentar-se ao povo como pessoas confiáveis e sérias.
III - O Estado deve ser visto com respeito pelos cidadãos.
IV - Sem a confiança pública, desmorona a soberania justa.
V - Outras associações humanas, como a Universidade, retiram do saber o respeito pelos seus atos e palavras.
VI - Certas instituições encontram sua autoridade na palavra divina.

Segundo o texto, o autor combate as idéias contidas em:
a) I, II, III, V
b) IV e VI
c) I e II
d) III e II
e) V e VI

47. Em:
"Acreditemos ou não nos dogmas, é preciso reconhecer que seus dirigentes são obedecidos porque um Deus fala através de sua boca", o verbo que encabeça a frase está no subjuntivo presente por expressar idéia de
a) sucessão de dois fatos reciprocamente exclusivos.
b) sucessão de dois fatos reciprocamente inclusivos.
c) sucessão de dois ou mais fatos com idéia de dúvida.
d) sucessão de vários fatos que são causas.
e) sucessão de dois fatos que são efeitos.

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Fuvest) Por onde passava, ficava um fermento de desassossego, os homens não reconheciam as suas mulheres, que subitamente se punham a olhar para eles, com pena de que não tivessem desaparecido, para enfim

poderem procurá-los. Mas esses mesmos homens perguntavam, Já se foi, com uma inexplicável tristeza no coração, e se lhes respondiam, Ainda anda por aí, tornavam a sair com a esperança de a encontrar naquele bosque, na seara alta, banhando os pés no rio ou despindo-se atrás dum canavial, tanto fazia, que do vulto só os olhos gozavam, entre a mão e o fruto há um espigão de ferro, felizmente ninguém mais teve de morrer.

(José Saramago, Memorial do Convento)

48. Aos outros dons extraordinários de Blimunda vem somar-se, no trecho citado, a capacidade de despertar inquietação, encantamento e atração erótica. No âmbito do livro, esse magnetismo da personagem representa simbolicamente

a) sua natureza pagã, infensa a considerações de ordem moral e social.
b) sua sexualidade híbrida, capaz de pertubar igualmente a homens e mulheres.
c) sua fidelidade apaixonada e sua clareza quanto aos valores essenciais.
d) sua oposição radical à Natureza e seus vínculos com a Espiritualidade, de onde lhe vêm os poderes mágico-religiosos.
e) seu caráter misterioso de mulher sem origem nem destino - o poder do Eterno Feminino.

49. **(Fuvest)** A leitura de "Mensagem", de Fernando Pessoa, permite a identificação de certas linhas de força que guiam e, até certo ponto, singularizam o espírito do homem português, dando-lhe marca muito especial.
Dentre as alternativas a seguir, em qual se enquadraria melhor essa idéia?

a) Preocupação com os destinos de Portugal do século vinte.
b) Preocupação com a história político-social de Portugal.
c) Recorrência de certas constantes culturais portuguesas, como o messianismo.
d) Reordenação da história portuguesa desde Dom Sebastião.
e) A marca da religião católica na alma portuguesa como força determinante.

50. **(Fuvest)** Empenhado em diagnosticar problemas da sociedade, o romance realista-naturalista os toma como peças de demonstração de tese. Com o "Primo Basílio", Eça de Queirós trata o adultério na sociedade lisboeta, buscando as causas que teriam levado Luísa, a personagem principal, a cometê-lo.
Escolha dentre as alternativas seguintes a que mais se aproxima das causas que abriram a Luísa o caminho do adultério.

a) Personalidade forte, Luísa conduz a ação de acordo com suas ambições pessoais.
b) Frívola e em disponibilidade, ela fica a mercê de circunstâncias propícias.
c) Doentiamente apaixonada pelo primo, deixa-se conduzir sem opor resistência.
d) Insatisfeita com o marido, burguês insensível, busca na aventura sua satisfação.
e) Conhecedora dos casos extra-conjugais do marido, procura uma forma de vingança.

51. **(Fuvest)** O Ministério da Fazenda descobriu uma nova esperteza no Instituto de Resseguros do Brasil. O Instituto alardeou um lucro no primeiro semestre de 3,1 bilhões de cruzeiros, que esconde na verdade um prejuízo de 2bi. Brasil, Cuba e Costa Rica são os três únicos países cujas empresas de resseguro são estatais.

("Veja", 1/9/93, pág. 31)

Conclui-se do texto que seu autor:

a) acredita que a esperteza do Instituto de Resseguros gerou lucro e não prejuízo.
b) dá como certo que o prejuízo do Instituto é maior do que o lucro alardeado.
c) julga que o Instituto de Resseguros agiu de boa fé.
d) dá a entender que é contrário ao fato de o Instituto de Resseguros ser estatal.
e) tem informação de que em Cuba e na Costa Rica os institutos de resseguros camuflam seus prejuízos.

52. **(Fuvest)** De acordo com o ditado popular "invejoso nunca medrou, nem quem perto dele morou":

a) o invejoso nunca teve medo, nem amedronta seus vizinhos.
b) enquanto o invejoso prospera, seus vizinhos empobrecem.
c) o invejoso não cresce e não permite o crescimento dos vizinhos.
d) o temor atinge o invejoso e também seus vizinhos.
e) o invejoso não provoca medo nos seus vizinhos.

53. **(Fuvest)** Folha - De todos os ditados envolvendo o seu nome, qual o que mais lhe agrada?
Satã - O diabo ri por último.
Folha - Riu por último.
Satã - Se é por último, o verbo não pode vir no passado.
["O Inimigo Cósmico", Folha de S. Paulo, 03/09/95]

Rejeitando a correção ao ditado, Satã mostra ter usado o presente do indicativo com o mesmo valor que tem em:

a) Romário recebe a bola e chuta. Gooool!
b) D. Pedro, indignado, ergue a espada e dá o brado de independência.
c) Todo dia ela faz tudo sempre igual...
d) O quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos.
e) Uma manhã destas, Jacinto, apareço no 202 para almoçar contigo.

54. **(Unitau)** "Brás, Bexiga e Barra Funda"... tenta fixar tão-somente alguns aspectos da vida trabalhadeira, íntima e cotidiana desses novos mestiços nacionais e nacionalistas".

É dessa forma que Antonio de Alcântara Machado explica sua obra. Indique a alternativa que responde corretamente à nacionalidade referida pelo autor
a) aos ingleses.
b) aos italianos.
c) aos alemães.
d) aos portugueses.
e) aos índios.

55. **(Fuvest)** "CLESSI (choramingando) - O olhar daquele homem despe a gente!

MÃE (com absoluta falta de compostura) - Você exagera, Scarlett!

CLESSI - Rett é indigno de entrar numa casa de família!

MÃE (cruzando as pernas; incrível falta de modos) - Em compensação, Ashley é espiritual demais. Demais! Assim também não gosto.

CLESSI (chorando despeitada) - Ashley pediu a mão de Melânie! Vai-se casar com Melânie!

MÃE (saliente) - Se eu fosse você, preferia RETT (Noutro tom). Cem vezes melhor que o outro!

CLESSI (chorosa) - Eu não acho!

MÃE (sensual e descritiva) - Mas é, minha filha! Você viu como ele é forte? Assim! forte mesmo!"

No trecho acima, as personagens de 'Vestido de noiva' subitamente se põem a recitar os diálogos do filme 'E o Vento levou'. No contexto dessa obra de Nelson Rodrigues, esse recurso de composição configura-se como:
a) crítica à internacionalização da cultura, reivindicando o privilégio dos temas nacionais.
b) sátira do melodrama, o que dá dimensão autocrítica à peça.
c) sátira do cinema, indicando a superioridade estética do teatro.
d) intertextualidade, visando a indicar o caráter universal das paixões humanas.
e) metalinguagem, visando a revelar o caráter ficcional da construção dramática

TEXTO PARA A PRÓXIMA QUESTÃO
(Unitau) "A questão central da pedagogia é o problema das formas, dos processos dos métodos; certamente, não considerados em si mesmos, pois as formas só fazem sentido na medida em que viabilizam o domínio de determinados conteúdos.
O método é essencial ao processo pedagógico. Pedagogia, como é sabido, significa literalmente a condução da criança, e a sua origem está no escravo que levava a criança até o local dos jogos, ou o local em que ela recebia instrução do preceptor. Depois, esse escravo passou a ser o próprio educador. Os romanos, percebendo o nível de cultura dos escravos gregos, confiavam a eles a educação dos filhos. Essa é a etimologia da palavra. Do ponto de vista semântico, o sentido se alterou. No entanto, a paidéia não significava apenas infância, paidéia significava cultura, os ideais da cultura grega. Assim, a

palavra pedagogia, partindo de sua própria etimologia, significa não apenas a condução da criança, mas a introdução da criança na cultura.

A pedagogia é o processo através do qual o homem se torna plenamente humano. No meu discurso distingui entre a pedagogia geral, que envolve essa noção de cultura como tudo o que o homem constrói, e a pedagogia escolar, ligada à questão do saber sistematizado, do saber elaborado, do saber metódico. A escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade. Esta é a questão central da pedagogia escolar. Os conteúdos não apresentam a questão central da pedagogia, porque se produzem a partir das relações sociais e se sistematizam com autonomia em relação à escola. A sistematização dos conteúdos pressupõe determinadas habilidades que a escola geralmente garante, mas não ocorre no interior das escolas de primeiro e segundo graus. A existência do saber sistematizado coloca à pedagogia o seguinte problema: como torná-lo assimilável pelas novas gerações, ou seja, por aqueles que participam de algum modo de sua produção enquanto agentes sociais, mas participam num estágio determinado, estágio esse que é decorrente de toda uma trajetória histórica?"

(SAVIANI, D. "A pedagogia histórico-crítica no quadro das tendências críticas da Educação Brasileira", adap. da fala em Seminário, Niterói, 1985).

56. Leia as frases a seguir:

I. O saber sistematizado, elaborado e metódico está ligado à pedagogia escolar.
II. O saber sistematizado, metódico e científico é transmitido às novas gerações através da escola.
III. Os conteúdos se sistematizam nas relações sociais, por isso não estão no cerne da pedagogia.
IV. Os conteúdos sistematizados são geralmente garantidos pela escola.
V. O saber sistematizado deve ser assimilável pelos que tomam parte de sua produção.

Indique a alternativa cujos itens fazem parte da indagação do autor do texto:
a) I, II, III, IV e V
b) I, II e III
c) IV e V
d) V
e) III

GABARITO

1. E
2. B
3. B
4. E
5. A
6. E
7. C
8. D
9. B
10. D
11. B
12. E
13. C
14. C
15. A
16. C
17. A
18. E
19. B
20. C
21. E
22. C
23. A
24. E
25. C
26. B
27. D
28. B
29. B
30. E
31. A
32. E
33. E
34. B
35. B
36. B
37. D
38. C
39. D
40. D
41. E
42. B
43. D
44. B
45. B
46. E
47. A
48. C
49. C
50. B
51. D
52. C
53. D
54. B
55. B
56. D

Júlio Sousa
contatos@projetomedicina.com.br